

Entre palavras e (r)existências: uma conversa com Constância Lima Duarte sobre literatura feminina e feminista

Entrevistador: Rodrigo Felipe Veloso¹

1) Quais obstáculos marcaram sua trajetória enquanto pesquisadora da literatura escrita por mulheres no Brasil?

O grande desafio que o pesquisador ou pesquisadora enfrenta, quando decide investigar a trajetória de vida e obra de antigas escritoras ou escritores, com certeza está na dificuldade em localizar informações a seu respeito e, mais ainda, os livros publicados. A grande maioria de nossas bibliotecas, públicas ou particulares, parece não zelar muito pela memória cultural, por mais estranho que possa parecer. Por isso, é comum encontrarmos acervos desatualizados, desorganizados e funcionários que conhecem pouco as instalações em que trabalham. Há exceções, naturalmente. Quem faz pesquisa a partir de fontes primárias sabe do que estou falando.

2) De que maneira sua trajetória acadêmica e vivências pessoais contribuíram para moldar sua perspectiva crítica sobre a literatura de autoria feminina e feminista?

Fiz a graduação em Letras na UFMG, o Mestrado e o Doutorado também em Letras, o primeiro na PUC-RJ, o segundo na USP. Depois, fiz dois pós-docs na UFRJ e na UFSC, que me permitiram usufruir de uma valiosa experiência acadêmica com as professoras Elódia Xavier e Zahidé Muzart. Quanto às leituras, foram tantas que é até difícil relacionar. Mas faço questão de citar ao menos as primeiras, as responsáveis por instalar grandes indagações em mim: os livros de Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Betty Friedan, Elisabeth Badinter e também de Rose Marie Muraro, entre outros – muitos outros.

¹ Pós-doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.

3) As escritoras ainda são marginalizadas pelo cânone da literatura brasileira? Em caso afirmativo, que caminhos podem ser traçados para sua reconfiguração?

Creio que o cânone literário, aquele que aprendemos (e depois até ensinamos) nos cursos de Letras, já envelheceu e está definitivamente superado. O fato de os primeiros historiadores e críticos da Literatura terem sistematicamente ignorado a produção intelectual das escritoras, apesar de muitas terem o mesmo valor e até superior ao dos homens contemporâneos, resultou na formulação de um cânone parcial, injusto e absolutamente incompleto. Por isso, penso que não se pode mais falar em “cânone brasileiro”, pois ele está em franca transformação. Quem ensina hoje Literatura Brasileira não pode mais ignorar a contribuição que Nísia Floresta ou Maria Firmina dos Reis, por exemplo, deram às letras nacionais em seu tempo. Quero crer que os jovens professores estão atentos às novidades surgidas nas últimas décadas, tanto no que diz respeito à autoria feminina quanto à literatura de afrodescendentes e indígenas.

4) De que forma as lutas e conquistas do movimento feminista impactaram a escrita e a produção literária de autoras brasileiras?

Penso que o movimento feminista, que ganhou força entre nós a partir da década de 1970, foi de fundamental importância para insuflar a produção literária das mulheres e também mudar o “foco” da literatura. Até então, sabemos bem, não era normal encontrar livros de autoras e autores lado a lado nas estantes, pois as mulheres pareciam viver à margem dos acontecimentos. Foi só depois da década de 1970 que elas passaram a ocupar o espaço que lhes cabe nas artes, na literatura, na política e na sociedade, e tudo então mudou. Hoje, finalmente, vivemos um tempo que reconhece o valor da autoria feminina, apesar de, insisto em dizer, as mulheres terem estado presentes no cenário literário desde os séculos passados.

- 5) Quais autoras brasileiras você considera essenciais para a compreensão da literatura escrita por mulheres no país?

Que pergunta difícil, porque são muitas as escritoras que podem ser consideradas “fundamentais” para se compreender a literatura produzida pelas mulheres! Mas arrisco citar algumas, começando por Nísia Floresta (1810-1885), autora de romances, poemas, crônicas e ensaios, a maior parte tratando da condição feminina de seu tempo, como *Opúsculo humanitário*, de 1853; Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora de *Úrsula*, o primeiro romance brasileiro que denuncia a escravidão; Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), que publicou inúmeros romances e livros de contos dignos de constar em todo acervo literário, como *A falência*, em 1901; Carolina Maria de Jesus (1914-1977), poetisa, compositora e memorialista, autora do famoso *Quarto de despejo*, de 1960, que fez (e continua fazendo) enorme sucesso; Clarice Lispector (1920-1977), outra ficcionista respeitada, que estreou com o romance *Perto do coração selvagem*, em 1944; e, para não me alongar mais, fecho essa relação, para sempre incompleta, com Conceição Evaristo (1946), que vem sendo considerada – com muita justiça – nossa escritora contemporânea mais premiada, autora de *Ponciá Vicêncio*, de 2003, e *Becos da memória*, de 2006.

- 6) Em sua trajetória de pesquisa, você tem se dedicado a recuperar autoras invisibilizadas pela história literária. Como se deu esse processo de investigação e redescoberta dessas vozes femininas?

Realmente, tentar recuperar as escritoras do passado tem sido objeto de minhas pesquisas nas últimas décadas. Sempre me incomodou a ausência de nomes femininos nos manuais de História da Literatura, porque já tinha notícia de que, desde o século XVIII e em todo o XIX, tivemos mulheres escrevendo e publicando poemas, romances, ensaios... O problema é que a publicação de uma obra de autoria feminina costumava ser recebida (isso até a primeira metade do século XX!) com desconfiança ou, na melhor das hipóteses, com certa condescendência pelo público leitor. Afinal, era só uma mulher escrevendo, deviam pensar os que pregavam a inferioridade mental, moral e física do gênero feminino. Mas, por incrível que pareça, apesar de tudo e de todos, algumas jovens ousaram exibir o

brilho de seu intelecto e escreveram textos de ficção, poemas, peças teatrais, e até fizeram jornais! Apenas foram ignoradas pelos contemporâneos e alijadas da memória e do arquivo oficial, tornando-se depois ilustres desconhecidas. Foram, em outras palavras, vítimas de memoricídio, conceito que pode designar o assassinato da memória e de uma cultura. E é sobre isso que tenho me dedicado nos últimos anos.

- 7) A abordagem feminista na crítica literária ainda encontra resistência no meio acadêmico brasileiro? E como você avalia a recepção do seu próprio trabalho crítico nesse cenário?

Tenho para mim que as jovens professoras que dialogam com o ideário feminista estão provocando uma sensível revolução no interior das Faculdades de Letras. Vejo isso pelas dissertações e teses que tenho examinado, ou nos livros de crítica literária que apresentam novas perspectivas de leitura, seja valorizando a perspectiva feminina, seja denunciando preconceitos de gênero e de raça.

- 8) No ensaio “Feminismo e Literatura no Brasil” (2003), você analisa as interações entre a literatura brasileira e o pensamento feminista. Quais foram os principais apontamentos e conclusões dessa investigação?

Foram muitas as reflexões. Resumidamente, posso lembrar que, a partir de 1990, à medida que a revolução sexual era assimilada à vida cotidiana e as bandeiras feministas se acomodavam aos novos tempos, a literatura de autoria feminina explodia em publicações por todo o país. A todo momento surgia notícia de novas escritoras, cujos textos tinham logo sua qualidade reconhecida através dos inúmeros prêmios que passaram a receber. Hoje, com certeza, vivemos outros e novos tempos, e o movimento feminista parece atravessar um necessário e importante período de amadurecimento e reflexão..

- 9) No livro que você organizou, *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história* (2022), há uma reflexão profunda sobre autoras relegadas à margem da sociedade e da historiografia literária. O que mais lhe causou surpresa ao se debruçar sobre a trajetória dessas pioneiras?

O primeiro volume do projeto *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*, cujo objetivo é dar visibilidade às antigas escritoras, nos permitiu muitas surpresas. Como, por exemplo, a qualidade da produção literária de algumas autoras que nunca haviam sido mencionadas nas histórias literárias. Também encontramos escritoras que, apesar da calorosa recepção que tiveram de leitores contemporâneos – como Machado de Assis e Olavo Bilac, também foram excluídos do cânone pela historiografia e crítica de perspectiva masculina. Felizmente, alguns nomes conseguiram romper a escuridão do anonimato e se tornarem objeto de ensaios, teses e dissertações.

- 10) Na sua opinião, quais são os maiores desafios enfrentados pela crítica feminista na atualidade?

Creio que o verdadeiro desafio da crítica feminista contemporânea é ter os olhos abertos para as novas tendências que surgem a todo momento e ficar atenta à literatura produzida não só por mulheres brancas, negras e indígenas, mas também à rica e inédita produção literária dos grupos LGBTQIAPN+.

- 11) Para finalizar, farei um rápido jogo de perguntas e respostas, mencionando alguns nomes de escritoras que foram esquecidas ou marginalizadas pela história, e gostaria que você comentasse brevemente sobre cada uma delas.

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885): a escritora potiguar deve ser considerada nossa primeira feminista por ter publicado, em 1832, a tradução de um opúsculo inglês que circulava anônimo na França, intitulado *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*.

Josephina Álvares de Azevedo (1851-1913): escritora e jornalista feminista, que defendeu com firmeza os direitos das mulheres ao trabalho remunerado e ao voto, em peças de teatro, de crônicas e através de seu jornal intitulado *A Família*, que circulou em São Paulo e no Rio de Janeiro, de 1877 a 1897.

Emília de Freitas (1855–1908): escritora e poetisa cearense, autora do romance *A rainha do Ignoto*, de 1899, pioneiro na literatura fantástica no Brasil.

Gilka Machado (1893–1980): além de poetisa e feminista, foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino em 1910, que defendia o direito das mulheres ao voto. É autora do livro de versos *Mulher nua*, de 1922, e tornou-se mais conhecida como uma das primeiras mulheres a escrever poesia erótica no Brasil.

Anna Amélia Carneiro de Mendonça (1896-1971): poetisa, tradutora e feminista, publicava poemas e crônicas nos principais jornais do país. Como defensora dos direitos das mulheres, atuou ao lado de Bertha Lutz na criação da “Federação Brasileira pelo Progresso Feminino”, que em pouco tempo ganhou filiais em praticamente todo o país.

Clarice Lispector (1920–1977): nascida na Ucrânia, mas naturalizada brasileira e radicada no Brasil, seus romances, contos e ensaios a tornaram conhecida como uma das escritoras brasileiras mais importantes do século XX. Sua estreia se deu com o romance *Perto do coração selvagem*, em 1943.

Rachel de Queiroz (1910–2003): escritora, jornalista, tradutora e dramaturga, também considerada uma das maiores escritoras brasileiras do século XX. Sua obra mais conhecida é o romance *O Quinze*, publicado em 1930, um marco do regionalismo brasileiro.

Elisa Lispector (1911–1989): irmã de Clarice Lispector, também escritora, jornalista e funcionária pública, sua produção ficcional prima pela perspectiva introspectiva, abordando principalmente a saga de imigrantes judeus naturalizados no Brasil, como no romance *No exílio*, de 1948.

Marina Colasanti (1937–2025): escritora, contista, jornalista, tradutora e artista plástica ítalo-brasileira, nasceu na colônia italiana da Eritreia, na África Oriental. Foi casada com o também poeta Affonso Romano de Santana e publicou algumas dezenas de obras para crianças e adultos.

Maria do Carmo Ferreira (1938): mineira de Cataguases, mais conhecida como Carminha Ferreira, sua obra poética circulou durante muito tempo apenas em antologias, jornais e revistas, e só recentemente foi publicada na trilogia *Cave Carmen*, *Coram populo* e *Quantum satis*.

Referências:

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. *Estudos avançados*. vol. 17, n. 49, 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acesso: 15. jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: Século XIX – Dicionário Ilustrado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, v. 1, 2022.

Recebido em: 25 de junho de 2025.

Aceito em: 28 de agosto de 2025.